

VOLUME 01

TRAFICANTE PRIVILEGIADO

CONTOS

EVA BÁRBARA

TRAFICANTE PRIVILEGIADO

CONTOS

Eva Bárbara

“ Um júri tem o direito de dispensar qualquer réu, independente das leis e dos fatos de uma causa, se ele acredita que, fazendo assim, promove os interesses da justiça.”

Chris Conrad
(Hemp, pág. 228)

Ficha catalográfica

TÍTULO:

TRAFICANTE PRIVILEGIADO

– contos

E-MAIL:

evabembarbara@gmail.com

ARTE DA CAPA: MESTRE VALENÇA

EDITOR: MESTRE VALENÇA

LOCAL: BRASIL

WHATSAPP: +55 79 99600-2872

FORMATO: e-book

ISBN:

Selo editorial:

Novembro / 2020

ATENÇÃO!!!

No Brasil e em outros países,
a *Cannabis sativa* ainda é ilegal
e hoje sabemos, por meio de
pesquisas científicas, que os maiores
perigos da maconha medicinal
provêm desta situação de
ilegalidade, já que pacientes correm
o risco de irem para prisão
e de perderem a casa, a família e a
cidadania nas garras da lei vigente.

ALVARÁ DE SOLTURA.....	9
CHAVE DE CADEIA.....	13
A MÃO NO FOGO	17
TRAFICANTE DIFERENTE.....	22
UMA ALEGRIA SEM TAMANHO.....	24
MORENA FLOR DE CANNABIS	29
CURIOSIDADES.....	35

DEDICATÓRIA

Com imensa alegria, eu ofereço meu
TRAFICANTE PRIVILEGIADO
a pacientes da *Cannabis sativa*
espalhados pelo mundo e também
àqueles que, detidos pela polícia, mas
não violentos, apresentam-se como
pessoas convictas do poder medicinal
da maconha e, por isso,
compartilharam a erva em busca de
um futuro mais justo e mais saudável.

EVA BÁRBARA



#PraCegoVer: destaque para a imagem em preto e branco centralizada no meio da página, trazendo a insígnia da folha da maconha de nove pontas, sendo sete delas com folíolos serrilhados.

ALVARÁ DE SOLTURA

– Bia? Eu não acredito! É você?

Eu sabia que ele ia receber o Alvará de Soltura hoje. Parei na porta da cadeia.

Acompanhei todo o caso de perto, audiência por audiência. Era uma missão que tinha na vida. Jorge merecia e merece. Não sei por que trato ele tão distante hoje em dia. Ele foi um homem e tanto. Jorge Jamaica e Bia Luanda, época boa danada! Altas e boas, a gente era do mundo.

– Bia, minha morena flor de cannabis!

– Jorge, o traficante privilegiado, né?

Agora nosso mundo ficou tenso com a eleição de Bondoso para presidente do Brasil.

Infelizmente, mais um político conservador até a tampa. Foda só de lembrar, imagine contextualizar a grandeza deste Alvará de Soltura para meu ex-namorado Jorginho.

A gente naquele momento também não havia como esquecer. A repressão era questão de tempo. O privilégio acabaria muito em breve.

A polícia entraria na cola. A gente sabia disso tudo. Jorge era a cara do receio agora:

– Bia, vamos dar o pinote?

– Não posso!

– Eu preciso sair do Brasil. Você me entende, né, Bia?

– Claro, meu amor! Por que não? Vá com fé que você consegue. Fé nas ganjas híbridas e sagradas, por favor! E trate com muito carinho as danadas, viu, moço?

– Não, Bia! Venha comigo, garotinha! Vamos voltar a fazer tudo juntos em Montevidéu, bora? Lá a gente tenta.

Ele me falou clamando, me pediu sorrindo, me convocou para o toque de recolher em outro país, uma forma inteligente de exílio antecipado.

– Não perca tempo, Bia! Vamos de ônibus até onde a gente puder, até a ponte.

Era uma luta pacífica contra o Estado. Ele plantava, eu usava e a gente se policiava noite e dia. As armas dele sempre foram as plantas de cannabis com seus haxixes. Plantas híbridas e cheias de onda. A fumaça vinha em tubos e era muito branca, tipo a espuma e nos fazia um bem mágico.

– Não perca tempo, Jorge! Adiante a sua pressa, mas eu fico. E agora, como é cedo

ainda, você vem de moto comigo. Vou te deixar em casa.

– Fazer o quê, né, Bia? Eu aceito, mas chegando lá você muda a minha cara.

E foi dito e certo. Chegamos a mudar de aparência sem máscaras, sem roupas infectadas, sem quase nada para se preocupar com meu traficante solto.

CHAVE DE CADEIA

Gostaria de deixar bem claro que o fato de meu amigo colorido, Jorge Jamaica, enquadrado como um suposto traficante, agora privilegiado. Pra mim privilegiado pela ganja, só que para os outros foi mais privilegiado ainda por ser um cara pacífico e por ser ainda um réu primário, lá no Brasil, não prova que era ele isso tudo mesmo.

Talvez um pouco mais, quem sabe um pouco menos. Eu sou suspeita para julgar meu traficante privilegiado, pois amei muito aquele negão, eterno usuário.

Sempre a favor do bem, da paz e do amor. Jorge muitas vezes era pé embaixo o tempo todo em relação ao ativismo pela cannabis.

Consultava, principalmente pela internet, alguns médicos, advogados, psicólogos e quem mais pudesse para mover ações e promover habeas corpus.

Participava de marchas e assembleias, fundava com amigas e amigos as associações que nos possibilitavam o acesso legal ao plantio de maconha medicinal. Sua prisão foi a mais pura ironia do destino, mas acontece infelizmente. Sofremos meses de penúria sem ele e sem a ganja de qualidade medicinal.

Jamaica foi um homem a favor do amor que caiu preso e agora saiu pela porta da frente usando máscara. Parecia um bandido, se não fosse o contexto da pandemia.

Agora ele estava suplicando pela minha volta e vivíamos aquele momento de porta de cadeia com a chave na mão e isso se tornou singular em nossas vidas.

Não era a chave de cadeia, tipo uma metáfora para meninas novinhas, com idades que ainda não foram permitidas para a paixão avassaladora.

Nada disso! A nossa chave de cadeia abriu para Jorge a porta da prisão. Ele era um daqueles que amam a Cannabis sativa e por ela lutam ardentemente.

– Bia, pense no assunto! Por favor!

Jamaica amava o amor. E bote amor nisso.

Cheio de vontade de amar, ele vivia grudado em mim com sua maconha afrodisíaca e olha que ele não tinha celular naquela época, mesmo assim, a gente conseguia se ver quase sempre. Nosso amor virou um hábito. E tudo dele era comigo.

Eu boto minha mão no fogo pelo Jorge. Não porque ele é negro, bonito e honesto, mas,

principalmente, por ele ser muito inteligente, por ele defender a sua causa de “maconha natural para todos que precisam dela no corpo, na mente e na alma”.

– Jorge, vamos sair daqui. A gente conversa quando chegar, certo?

– Bia, a liberdade não pode esperar!

E saímos dali correndo o mais rápido possível.

A MÃO NO FOGO

Jorge, tipo eu, nisso a gente parecia mesmo, detestava topar numa cannabis que não fosse natural por inteira e bem temperada pelo sol.

Ele não é, nunca foi e, provavelmente, perigoso não se tornará por ter compartilhado maconha entre amigos. A nossa sociedade ganhava com os seus serviços.

Eu concedo garantia. Eu dou crédito. Eu faço jus e nunca, minha senhora, nunca mais, ele será preso novamente. O menino é ligeiro.

Não tenha dúvida de que ele está preso inocente. Ele não é um traficante usuário; ele é um usuário traficante. Só depois de usar recreativamente, a casa caiu.

– Que pintura de mulher!

Pensei eu sobre a guarda prisional e falei baixinho. Pensei em Jorge saído da cadeia agora. Nunca mais ele voltará a comer quentinha na prisão. Eu conheço o Jorginho. É jamaicano só no nome, mas tem alma de paz e amor. A gente detesta depender de médico ou de algum juiz. Faz parte do jogo! É a regra de viver bem em comunhão, em sociedade e nós vamos cumprindo essa missão até hoje.

Lutamos contra o racismo e a intolerância religiosa, só que o nosso vai e vem é mais forte pela ganja. Mas não nos esquivamos das outras lutas e das outras marchas. Jorginho se aproximou:

– Bia, meu amor, que pintura você!

Jorge falou isso e foi a primeira frase dele com os pés fora da prisão.

Agradei e retribui o elogio por força do hábito. Eu boto fé nele! Mas não o amo suficiente para uma fuga de país com Jorge.

– Jorginho, eu amo o Uruguai e suas leis. Mas entenda, meu amor, que eu adoro mesmo é ficar e é lutar pela legalização da maconha e das drogas todas aqui no Brasil e de perto, viu, Jorginho?

– Impossível isso, Bia!! Eles querem o meu sangue, se eu ficar. Eu não posso esperar a esquerda voltar ao poder e nem acreditar mais que se ela voltar será melhor para mim.

Já a direita é pior ainda e aqui ela só quer industrializar a parada, a cannabis, entende?

Eles querem ficar com o lucro e a grana toda. Pra eles é um foda-se pra o que vem da natureza, um foda-se se for gratuito para as pessoas mais pobres.

– Eu não posso ir contigo, Jorge Jamaica! Estou na Associação de Cannabis Sativa Laboral. Lá tenho mil e uma amigas e a gente se diverte trabalhando muito.

– E o que foi que deu errado entre a gente? Não, nem responda, Bia!

– Já sei, eu já sei! É que eu fui preso, né, Bia? Passei esses meses sem comunicação com o mundão, né, meu amor? Mas eu voltei, Gata! Voltei a partir de hoje. Agorinha mesmo. E voltei aqui bem nos teus braços, Baby!!!

– Eu só não sou o poeta que você sonhou, Bia. O resto é comigo!

Jorge sorriu sozinho. Eu fiquei olhando meio sem aquela graça de antes. Jorge ficou me olhando de frente. Precisávamos partir o mais rápido possível. Seguirmos juntos até a metade do caminho. Antes de sairmos de moto, parei Jorge umas cinco vezes e ele me

parou umas dez vezes. O assunto aprofundou tanto que precisei dizer-lhe na cara:

– Não é isso, Jorge! A nossa amizade vale ouro! Eu sou do mundo, meu amado! E o mundo é quase redondo.

E a gente ficou rindo. Eu gaitava muito dele, enquanto ele gargalhava sem entender aquilo que eu quis dizer, que nem sempre o mundo dá voltas, nem sempre uma pessoa amará a mesma pessoa, nem sempre amará o mesmo gênero de pessoa que já amou um dia.

O mundo é quase isso sempre.

UM TRAFICANTE DIFERENTE

Jamaica amava o amor. E bote amor nisso.

Cheio de vontade de amar, ele vivia grudado em mim com sua maconha afrodisíaca e olha que ele não tinha celular naquela época, mesmo assim, a gente conseguia se topar quase sempre.

Nosso amor virou um hábito.

E tudo dele era comigo.

Eu aguava suas plantas, só que ninguém me viu cair em pecado, ninguém veio e me prendeu. Eu só fazia tudo dentro da lei. Eu era sua base de apoio, meu celular era o seu celular e a gente vivia dividindo o comando da vida. Quase noivos.

Bastante esperto Jorge fazia, não sei como, render aquele seu apertado e rico dinheirinho.

Não sei como era isso. O que sei é que a polícia, quando chegasse a nós, nunca entenderia aquilo de ele defender a distribuição quase gratuita de maconha recreativa e medicinal.

Eu fui buscar Jorge na cadeia. Ele deixou o Defensor Público que acompanhou o seu Alvará de Soltura e veio ter comigo. Abraçamo-nos e ele me entregou um papel que tinha em mãos.

– Bia, guarde meu Alvará na bolsa.

Ele era um usuário e foi enquadrado como traficante. Agora está solto, “privilegiado” pela justiça brasileira, justiça megera, segundo as leis jurídicas e democráticas e as garantias vindas do machismo daquele nosso velho lugar.

UMA ALEGRIA SEM TAMANHO

Jorge deu sorte e ganhou a liberdade como se fosse pela última vez. E era pela última vez, eu acho. Coisa de réu primário, disse eu tenho certeza. Outra coisa é que o Jorge Jamaica é um cara não violento. Sempre foi o exemplo da família dele. Isso quando tinha uma grande família.

Hoje protege sua mãe, única sobrevivente daquele terrível acidente que fulminou seu pai e também seus quatro irmãos num átomo de segundo.

Se ele fosse pego novamente, a cadeia ia comer no centro. Podia virar um bandido bem perigoso e, talvez, nem sair. Quem sabe morto, tudo isso em questão de dias, horas ou minutos, entraria para o livro das estatísticas prisionais.

Ele detestava isso de ser preso novamente, nem pensar, e queria continuar distribuindo sementes e haxixes, compartilhar com o mundo, quando saísse da cadeia. E que tudo isso fosse permitido.

E o dia foi hoje. E o momento é agora. O futuro só a Deus pertence, aprendi assim com ele lá dentro.

A especialidade de Jorginho era a semente Bianca. Ele experimentou as plantas mais híbridas ou as mais genuínas do pedaço.

Na porta da cadeia, Jorge surgiu pintado de bandido. Veio acompanhado com um homem de gravata que era o seu Defensor Público.

O advogado se tornou “amigão” de Jorge e se apaixonou igualmente pela aquela causa.

Ele gozava dos seus primeiros minutos de liberdade, após quase um ano preso.

O documento de soltura dele ficou no cartório da cadeia. Vinha só com um papel de documento na mão que mostrou ao guarda prisional na saída.

Era a segunda via do seu Alvará de Soltura, caso a polícia o incomodasse por motivo de nada.

Rever Jorge hoje estava de uma alegria sem tamanho, então me aproximei dele ali mesmo e ficamos "sozinhos".

– Solto na vida, né, Jorge?

– Agora eu solto, vamos nos juntar, Bia! E fugir, mulher! *Please, My Girl!*

– Prometi que ia te soltar, não jurei que ia contigo fugir, Jorge. Certo?

– Você não entende, né, Jorginho? Eu sou livre e indecisa. Já você é de casamento. Não vai dar certo nunca, meu amor!

– Jorginho, você quer a monogamia disfarçada, enquanto eu sou do mundo e vivo a bigamia tresloucada.

– Bia, por que te amar é tão complicado, menina?

Jorge precisava aceitar. Agora as coisas mudaram muito. Eu cresci em mente e espírito. Acho que mais em mente. Meu espírito ainda precisa ser mais trabalhado. Sou muito fria com meus casos de amor. Não é difícil perceber essa falsa modéstia em mim.

Jorge sofria muito comigo, mas era em mim que podia confiar tudo. Mais que em sua mãe, podes crer!

– Vamos, Jorge! Fale com o Defensor e marque uma hora de visita para ele te explicar esse lance de condicional, onde e quando assina o sursis. E depois, você vem e a gente vai voando de moto, certo?

– Combinado, Bia!

– Deixarei você na casa de sua mãe, Jorginho. Eu estou montada hoje!

– Certo! Vou falar com o doutor agora mesmo. Pera aí...

Fiquei por um segundo ali parada no tempo e percebi que eu amava mesmo a solidão que os homens deixavam.

MORENA FLOR DE CANNABIS

– Bia, eu voltei! A liberdade é a liberdade! Você me tirou daqui, Bia! Minha morena flor de cannabis!

– Vamos sair deste lugar, Jorginho, que a porta da cadeia me dá calafrios, meu *brother*!

– Acredita em mim, Jorginho? Eu sinto um arrepio na alma. Acho que é a lembrança ancestral da senzala, sei lá o quê. Sei que o bicho pega!

Jorge precisou acertar as contas com o Defensor que estava conversando com um guarda. Ele saiu de perto de mim, mais uma vez eu fiquei sozinha. Era pela tarde e as visitantes dos internos já tinham vazado.

Nunca visitei Jorge lá dentro, não carecia.

Tinham umas cinco ou seis mulheres, duas crianças pequenas e uma de colo ainda na porta da cadeia. Ficaram em busca de renovar carteirinha de visita. Se soubesse, já tinham ido embora, pois naquela hora é tudo sem futuro. Não há atendimento do Serviço Social.

Talvez estivessem esperando a assinatura de um diretor, ou uma autorização para enviar comida para seus familiares. Talvez estivessem esperando a hora do carro para viajarem para seus lugares de origens, numa tristeza só. Brasileiras, tipo eu, com problemas sérios, tipo o meu, e com filhos pequenos para alimentar.

– Oi! Criancinha, qual é o seu nome? Ei, você aceita comer biscoito? Toma!

A criança era um menininho de sete ou oito anos que levou alegremente meu biscoito de cereal e me disse um “bigado!” e eu amei aquilo.

Depois saiu naquela carreira e foi embora para o banco de alvenaria à frente. Por que eu ignorei o protocolo da pandemia, nem me pergunte, acho que por ser criança e ter paquerado o meu biscoito com seus olhinhos pretos.

Mesmo assim, dei um pacote pequeno de biscoito com cereal, tudo higienizado. Fazer isso a gente já podia, visitar loja e tudo mais.

Até o cinema e as aulas da escola já voltaram.

Logo, logo alguém diria que o carnaval foi descancelado, será uma loucura, a pandemia ainda come solta.

Naquele vão de tempo, eu sozinha, fiquei pensando no meu passado com ele. Tinha poucos segundos, talvez alguns minutos. Era dia de semana, não recordo. Eu estava acordada. Precisava tomar algo. Chá ou café?

Talvez leite quente, pois não gosto de mais tanto de café como gostava e o chá pra hoje com certeza não daria, pois a minha ganja ficou toda contada e já está sendo fumada com talo e tudo, que é pra economizar até o vento na hora da vida puxada. Fora do meu remédio fumado, ficam apenas as sementes.

Naquele dia, eu tinha pouca massa e só meio de cereal. Já falei que a semente da ganja é cereal? Deixa pra lá! Lembrei-me da polícia que entrou na casa de Jorge e recolheu as plantas entre gargalhadas e gritos. Parei de pensar nisso e pensei em Jorge com a aliança na mão, num quarto de motel, a me pedir em casamento. Vi um guarda alto e forte de presídio, armado na cintura de pistola ponto quarenta. Acho que era uma famosa Taurus, toda prateada. O agente prisional foi se aproximando do Defensor, de Jorge também, e, novamente, eu me lembrei da história da polícia invadindo o quintal de Jorge.

E foi aí que o pensamento se foi, quando Jorge voltou para perto de mim. Ele e eu com as mãos quase vazias, decidimos nem sentar naqueles bancos de alvenaria, duros e para acomodar os dias de visita, que paradoxo!

A gente ficou se olhando tanto que ele ficou logo de cara e baixou a cabeça sem graça. Se fosse antes, ele sem graça me abraçava e me beijava, introduzia seu amor em mim.

O Defensor Público havia esticado e agora o nosso paradeiro era mais certo do que nunca. Jorge puxou a frente, me segurando pela mão e a gente se movia com a maior leveza até o estacionamento daquela senzala moderna, em busca de um cavalo veloz com duas grandes rodas, a fim de que pudéssemos sair dali voando.

– Bia, qual é a sua moto? Me deixe pilotar hoje, viu, moleca?

– Ficou maluco foi, Jorginho?

E sorrimos assim de uma alegria sem tamanho durante segundos e depois seguimos acelerando por horas e horas soltos pela pista.

CURIOSIDADES

(Informações e contatos)

Site:

< efeitocannabis.com >

E-mail:

<evabembarbara@gmail.com>

Blog:

<<https://checannabis.blogspot.com/>>

Telefone de contato:
Mestre Valença
+55 (79) 99600-2872